

Nunca é tarde para recomeçar

Iniciação Cristã para Adultos

PARÓQUIA
NOSSA SENHORA DO

Brasil



Aula 1 - 2º semestre/2012

Apostila do Curso de
Iniciação Cristã de
Adultos

AULA 01

Paróquia Nossa
Senhora do Brasil

4ª Edição - 2012

Observações Preliminares

- Esta apostila foi redigida por ocasião do Curso de Iniciação Cristã de Adultos da Paróquia Nossa Senhora do Brasil. Sua estrutura em 14 aulas responde à demanda desse curso para o segundo semestre de 2012.
- Após cada resumo de aula, consta a bibliografia básica:
- **Catecismo da Igreja Católica (CIC)**: as citações do Catecismo se fazem conforme divisão em parágrafos do total de 2865 em que está dividido;
- **Compêndio do Catecismo da Igreja**: contém o mesmo conteúdo do CIC, mas em formato resumido e dividido segundo perguntas e respostas.
- **Fé Explicada**, Editora Quadrante, Autor: Leo Trese
- 10a Edição.
- Ao final de cada resumo de aula há *Leituras Complementares*: são textos selecionados que aprofundam em algum aspecto o tema tratado na aula.

PARTE I - A profissão de fé

Aula 01 - Deus, a revelação e a resposta do homem

As contradições do tempo atual

“O primeiro efeito de não acreditar em Deus é que você perde o bom senso”, diz um dos personagens de G. K. Chesterton, famoso escritor britânico católico. O homem de hoje vive em uma situação aparentemente paradoxal. Se, por um lado, somos supostamente educados com base nos princípios da ciência moderna, e vivemos sob um Estado laico em uma sociedade cada vez mais afastada da religião, em que as pessoas passam suas vidas em função da busca do prazer e do sucesso em suas diversas formas; por outro lado, tornou-se epidêmico o apelo a esoterismos, a pseudo-religiões, práticas mágicas ou divinatórias, e a uma multidão de livros de “auto-ajuda” e conselheiros espirituais ou psicológicos, como psicólogos ou psicanalistas (nem sempre muito confiáveis) das mais diversas linhas e muitos outros tipos de terapeutas e gurus, que proliferam, já há algumas décadas, em velocidade inédita na história ocidental.

Diante disso, devemos nos perguntar se a espiritualidade humana não é de fato um dado objetivo da realidade, impossível de ser varrido para baixo do tapete, e se, portanto, não deveríamos abordá-lo de forma mais ordenada, racional, em vez de nos limitarmos a práticas supersticiosas e sentimentalismos variados. Se o homem é realmente um ser dotado de uma alma espiritual – e isso é uma verdade passível de demonstração – como podemos entender esse fato e que implicações ele tem para nós, na nossa vida pessoal, e para a sociedade como um todo?

A Igreja ensina que nós temos acesso a essa realidade espiritual e que podemos conhecê-la de forma segura por duas maneiras que se completam: (i) a própria luz da razão natural, da qual a nossa inteligência é dotada, e (ii) pela Revelação divina. O mundo de hoje tornou-

se refratário a ambas essas coisas. A idéia de que seja possível conhecer uma verdade com segurança não é geralmente aceita nos meios intelectuais, seja nas universidades ou entre a chamada “elite falante”, que compreende professores, jornalistas, escritores e outras personalidades que têm voz no debate público, onde impera uma verdadeira “ditadura do relativismo”, como a chamou o Papa Bento XVI. Se sugerirmos que, além da razão natural, também temos acesso a verdades transcendentais pela Revelação do próprio Deus, logo virão os rótulos de “fanatismo”, “fundamentalismo” ou até mesmo de “totalitarismo” ou “fascismo” religioso.

O Catecismo da Igreja Católica (CIC) ensina que “*O homem é, por natureza e vocação, um ser religioso. Vindo de Deus e caminhando para Deus, o homem não vive uma vida plenamente humana senão na medida em que livremente viver a sua relação com Deus*”. Realmente, nunca houve uma civilização sem religião. Nós buscamos, pela nossa própria natureza, resposta para alguns questionamentos básicos na nossa vida: o sentido da vida, o que é a felicidade, a alma humana e a morte. E mais fundamental que tudo isso é a pergunta sobre o nosso Criador: afinal de contas, o que é Deus? Quem é Deus?

A questão da verdade em Jesus Cristo

Diante de tantas respostas contraditórias sobre as mesmas questões e afetados pela mentalidade relativista, muitas pessoas decidem seguir uma religião como quem escolhe um doce para comer. Se perguntarmos a elas por que decidiram seguir tal ou qual caminho, dirão simplesmente que “se identificam” com aquilo ou que “se sentem bem” ali. O critério de escolha fica separado do uso da inteligência e, privado de sua faculdade mais nobre, o homem se deixa guiar pelo efêmero, por um sentimento que agora diz uma coisa e amanhã dirá o contrário, como quem troca de camisa de um dia para o outro.

“Conhecereis a verdade e a verdade vos tornará livres” (Jo 8, 32), diz nosso Senhor segundo o evangelho de São João. Como compreender essas palavras? A verdade nos libertará exatamente de quê? Como explica Ad. Tanquerey (Compêndio de Teologia Ascética e Mística), nós estamos sujeitos a uma tríplice concupiscência: a concupiscência da carne, que nos leva à busca desordenada dos prazeres sensíveis; a concupiscência dos olhos, que nos leva à busca desordenada dos bens materiais; e a soberba da alma, também chamada de orgulho. Essa tríplice concupiscência tem um efeito devastador na nossa inteligência e na nossa vida, conduzindo-nos à tristeza, ansiedade e à destruição espiritual. Por causa dela nos tornamos escravos de futilidades. Ela também embota a nossa inteligência, tornando-a pesada e incapaz de se elevar a pensamentos abstratos, incapaz de meditar, incapaz de contemplar. Mas embora enfraquecida, nossa inteligência não é destruída totalmente e, por isso, ela pode ser o ponto de partida de nossa restauração. É justamente dessa restauração que Jesus Nosso Senhor está falando, e é justamente nisto que consiste a prática cristã: elevar a nossa inteligência pela fé que opera pela caridade, desenvolvendo em nós as virtudes morais, como a temperança, a fortaleza, a justiça e a prudência. Trata-se de uma profunda transformação interior que tem como objetivo a nossa união com Deus, que é nossa felicidade. Deus, que, como veremos, é uma Trindade de Pessoas divinas, vive e quer nos comunicar a Sua própria felicidade e glória divinas, Sua própria Vida. Por isso, em outra passagem, nosso Senhor diz: “*Eu Sou o Caminho, a Verdade e a Vida*” (Jo 14, 6). Para nos guiar por essa aventura emocionante e heróica em busca da purificação e perfeição da santidade, Ele prometeu que enviaria o Seu Espírito Santo: “*Quando vier o Paráclito, o Espírito da Verdade, ensinar-vos-á toda verdade*” (Jo 16,13).

As provas da existência de Deus

O Catecismo da Igreja nos diz que o homem encontra nas coisas criadas algumas vias para o conhecimento de Deus, tanto no próprio homem, ser dotado não

apenas de um corpo, mas também de uma alma espiritual, quanto no mundo, que nos indica, pelo movimento, beleza e ordem, a existência de uma Inteligência criadora.

Um dos textos mais famosos de Santo Tomás de Aquino (1225-1274), o maior entre os doutores da Igreja, são as cinco vias em que se provam a existência de Deus. Partindo do mundo criado, do que podemos perceber nele, Santo Tomás demonstra brevemente como a existência de Deus é metafisicamente necessária.

A Revelação na tradição judaico-cristã

Justamente porque é possível ao homem o acesso às realidades espirituais e ao conhecimento de Deus, e porque, como diz o catecismo, “*o desejo de Deus está inscrito no coração do homem*”, a história humana conheceu o surgimento e o desenvolvimento de diversas tradições espirituais. Diante dessa pluralidade, poderíamos nos questionar sobre como identificar a religião verdadeira. Muitos dizem até mesmo que afirmar a existência de uma religião verdadeira seria prepotência, arrogância intelectual. No entanto, se examinarmos mais atentamente as grandes tradições espirituais da humanidade, veremos que a tradição judaico-cristã possui um diferencial. As outras tradições surgem a partir de experiências de algumas pessoas muito empenhadas na busca espiritual que têm acesso a um conhecimento mais profundo da realidade, que encontram, como o Buda, uma “iluminação” devido ao seu próprio trabalho e perseverança (que, quando sincero, provavelmente contou com a ajuda da graça de Deus). Na tradição judaico-cristã, não é o homem que toma a iniciativa e atinge um nível espiritual muito elevado, mas é o próprio Deus que decide dar-se a conhecer mediante uma Revelação além do que já estava dado na própria criação. Essa Revelação foi dada aos homens na história, que se pode chamar por isso de “história da salvação”. A confiabilidade de um conhecimento desse tipo é máxima, porque é o próprio Deus quem se revela, e Deus não se engana nem mente.

Começando com a própria criação, a Revelação divina passa pelos Patriarcas do Antigo Testamento e culmina na vinda do Seu Filho Unigênito, Jesus Cristo e no envio do Espírito Santo. Nosso Senhor fez e ensinou muitas coisas e com sua morte na Cruz, nos redimiu e nos ganhou todas as graças. Para dar continuidade à sua obra redentora e aplicar seus méritos a todas as pessoas que viriam ao longo da história, garantiu que a assistência do Espírito Santo na Igreja estabelecida com os apóstolos, liderados por Pedro, seria uma realidade que os guiaria ‘em toda a verdade’ (cfr. Jo 16, 13).

É importante entender as etapas da revelação (cfr. CIC 54-73) e como se transmitiu até nós, pela Tradição Apostólica e pelas Sagradas Escrituras (cfr. CIC 74-141). A Sagrada Escritura e a Tradição derivam da mesma fonte e estão compenetradas. Ignorar a Tradição, como o fazem certas igrejas protestantes, é ignorar o próprio contexto em que nasceram os livros do Novo Testamento e as promessas de continuidade que Cristo fez à Igreja nascente. Para um bom entendimento das Escrituras é importante diferenciar o contexto dos diferentes períodos históricos em que surgem os livros, as intenções e estilos dos autores e a linguagem empregada. O CIC explica isso nos pontos 101-141. A Constituição Dogmática Dei Verbum explica que “A Sagrada Escritura deve ser lida e interpretada naquele Espírito em que foi escrita”.

Fé, resposta do homem a Deus

O homem, diante da revelação, precisa prestar o consentimento da fé. Por ser um ato da inteligência, o objeto da fé é a verdade. A fé se fundamenta nos motivos de credibilidade (a sublimidade da doutrina, a história da Igreja e o testemunho dos mártires) e depende de uma decisão voluntária do homem, mas também exige a graça, sem a qual ele não é capaz de praticá-la verdadeiramente.

Nas próximas aulas iremos mergulhar no conteúdo da

revelação divina, conhecer a resposta cristã e católica para as questões mais fundamentais da vida humana. Esse caminho precisa ser trilhado com muita sinceridade e seriedade para que cada aspecto da resposta cristã encontre ressonância dentro de nós e dê frutos.

Questões

- Como nós podemos ter acesso à verdade e às realidades espirituais?
- Qual é a importância da verdade? Para que ela serve?
- É possível demonstrar a existência de Deus, independentemente da Revelação? Como?
- O que é a Revelação? Como o homem pode responder à Revelação?

Conteúdo:

- Relativismo e verdade
- Importância da verdade para a restauração humana
- Provas da existência de Deus
- Revelação, Tradição e Sagrada Escritura

Bibliografia básica: CIC 26-184 / Compêndio do CIC - 1-32 / Fé Explicada - pg. 7 - 19

1 - “A Arca de Noé”

Texto de Hugo de São Vítor

(Hugo de São Vítor, junto com São Tomás de Aquino e Santo Agostinho, são alguns dos maiores sábios da história do cristianismo)

“O primeiro homem foi criado para que, se não tivesse pecado, sempre estivesse pela contemplação diante da presença do vulto de seu Criador para que, sempre vendo-O, sempre amasse; sempre amando, sempre a Ele aderisse e, sempre aderindo a Ele que é imortal, sempre também nele possuísse uma vida sem fim.

Mas o homem foi expulso da face de Deus porque, por causa do pecado, foi atingido pela cegueira da ignorância, em consequência da qual retirou-se da intimidade da luz daquela contemplação e inclinou mais profundamente a sua mente aos bens terrenos. Com isto começou a esquecer-se mais ainda da doçura das coisas do alto, das quais já havia perdido o gosto. Tornou-se, deste modo, errante e fugitivo sobre a terra, errante pela desordenada concupiscência e fugitivo pela consciência do pecado. Finalmente, foi a sua própria voz que acrescentou: “*Quem quer que me encontre, há de me matar*” (Gen 4,14). Quem quer que o encontrasse, haveria de matá-lo porque a mente, abandonada pelo auxílio divino, seria vencida por qualquer tentação que o assaltasse.

O coração do homem, portanto, que permanecia estável e fixo no amor divino e, amando a um só permanecia também um só, começou a derramar-se pelos desejos terrenos e se dividiu em tantas coisas quantas foram as coisas que desejou. Ocorre deste modo que a mente que não sabe amar o bem verdadeiro nunca também conseguirá ser estável porque nunca encontrará o fim de seus desejos nas coisas que abraça, e porque nunca poderá repousar enquanto o seu desejo estiver sempre em busca daquilo que não consegue alcançar. Surge daqui um

movimento sem estabilidade, um trabalho sem repouso, uma corrida sem meta, de tal modo que o nosso coração sempre haverá de permanecer inquieto até que comece a aderir àquilo em que puder alegrar-se, de que nada carece ao seu desejo, e em que puder confiar que sempre haverão de permanecer as coisas que ama.

Eis que mostramos a doença, o coração flutuante, instável e inquieto. Mostramos a causa da doença, o amor do mundo, e o remédio da doença, o amor de Deus. A estas coisas deveremos acrescentar uma quarta, a obtenção do remédio, isto é, como poderemos alcançar o amor de Deus, sem o qual conhecer todo o resto para pouco ou nada proveita.

Busquemos, pois, de que modo poderemos alcançar o amor de Deus, porque ele reunirá e tornará estável nosso coração, restituir-lhe-á a paz e oferecer-lhe-á uma contínua alegria. Como ninguém pode amar o que não conhece, se desejamos amar a Deus, devemos primeiramente esforçar-nos para conhecê-lo, principalmente sendo Ele tal que não possa ser conhecido sem que seja amado. Tanto é, de fato, o esplendor de sua beleza que aquele que o puder ver não o poderá não amar. O homem que deseja conhecer os costumes e segredos de outro homem faça-se-lhe familiar, conviva freqüentemente na sua casa e com aqueles que lhe são familiares. Se observar que aqueles que lhe são próximos se dispõem honesta e prudentemente, tornar-se-á mais certo de sua virtude e julgará digno de amor aquele cuja probidade reconhece ter encontrado por indícios tão manifestos. Façamos nós do mesmo modo. Busquemos onde habita Deus, onde é sua casa, interroguemos seus conhecidos sobre Ele. Se é prudente, se é fiel, se é digno de louvor, se é piedoso. Assim, se for humilde, será digno. Se cuida bem de sua casa, será prudente. Se não sabe o que é fraudar aos que o servem, é fiel. Se perdoa com liberalidade aos pecadores, é piedoso. Se manifesta compaixão para com os aflitos, é misericordioso. Se governa seus súditos sem oprimilos, mas ajudando-os, é humilde. Mas talvez perguntarás onde deverá ser buscada esta casa de

Deus, onde poderá ser encontrada?

A casa de Deus é todo o mundo, a casa de Deus é a Igreja Católica, a casa de Deus é também qualquer alma fiel. Deus, porém, habita de modos diversos o mundo, a Igreja e a alma fiel. No mundo está como um imperador em seu reino, na Igreja como um pai de família em sua casa, na alma como o esposo no tálamo. Todos os pagãos e infiéis estão em sua casa, isto é, no seu reino, porque tudo aquilo que Ele criou pela potência de sua divindade Ele também sustenta e rege. Os falsos fiéis também estão em sua casa, isto é, na Igreja, porque Ele, a todos os que chamou à fé, oferece a participação em seus sacramentos. Os fiéis, porém, estão na sua casa, isto é, no tálamo, e mais verdadeiramente direi que eles estão na sua própria casa, porque a estes Deus os possui e rege habitando pelo amor. Todos estamos em sua casa pela obra pela qual nos criou. Estamos também em sua casa pela fé pela qual nos chamou e estamos em sua casa pelo amor pelo qual nos justificou. Se estás na casa de Deus apenas pela criação, o demônio também estará contigo. Se estás na casa de Deus apenas pela fé, o joio também estará no teu campo junto com o trigo. Se, porém, estiveres na casa de Deus pelo amor, bem aventurado és, porque não somente tu estás na casa de Deus, mas tu mesmo começaste a ser a casa de Deus, de tal modo que Ele próprio que te criou habita contigo. Esta é a casa da salvação, estes são os tabernáculos dos justos nos quais sempre soam a voz da alegria e da exultação, onde moram os bem aventurados cujo esplendor foi desejado pelos profetas que buscavam esta morada e por cujo desejo ardiam.

Se, portanto, esta morada começou a existir em nós, entremos e habitemos com Ele. Ali onde Ele dignou-se habitar, cuja morada foi construída na paz, encontraremos a paz e o repouso. Se, porém, ela ainda não principiou a existir em nós, edifiquemo-la, porque se lhe prepararmos um lugar virá prontamente até nós, já que foi para isto que nos fez, para que em nós habitasse Jesus Cristo nosso Senhor”.

2 - “A Ditadura do Relativismo”

Trecho da homilia do Cardeal Ratzinger na Missa de Eleição do novo Papa, do dia 18 de Abril de 2005

“O primeiro é o caminho para a maturidade de Cristo – assim diz o texto italiano, simplificando um pouco. Segundo o texto grego, devemos mais precisamente falar da medida da plenitude de Cristo, à qual somos chamados a atingir para sermos realmente adultos na fé. Não devemos permanecer crianças na fé, em estado de menoridade. E em que é que consiste ser crianças na fé? Responde São Paulo: significa ser batidos pelas ondas e levados ao sabor de qualquer vento de doutrina... (Ef 4, 14). Uma descrição muito atual! Quantos ventos de doutrina conhecemos nestes últimos decênios, quantas correntes ideológicas, quantos modos de pensamento... A pequena barca do pensamento de muitos cristãos foi não raro agitada por estas ondas – lançada dum extremo ao outro: do marxismo ao liberalismo, até ao ponto de chegar à libertinagem; do coletivismo ao individualismo radical; do ateísmo a um vago misticismo religioso; do agnosticismo ao sincretismo e por aí adiante.

Todos os dias nascem novas seitas e cumpre-se assim o que São Paulo disse sobre o engano dos homens, sobre a astúcia que tende a induzir ao erro (cf. Ef 4, 14). Ter uma fé clara, segundo o Credo da Igreja, é freqüentemente catalogado como fundamentalismo, ao passo que o relativismo, isto é, o deixar-se levar ao sabor de qualquer vento de doutrina, aparece como a única atitude à altura dos tempos atuais. Vai-se constituindo uma ditadura do relativismo que não reconhece nada como definitivo e que usa como critério último apenas o próprio “eu” e os seus apetites.

Nós, pelo contrário, temos um outro critério: o Filho de Deus, o verdadeiro homem. É Ele a medida do verdadeiro humanismo. Não é “adulta” uma fé que segue as ondas da moda e a última novidade; adulta e madura é antes uma fé profundamente enraizada na amizade com Cristo. É essa amizade que se abre a tudo aquilo que é bom e que nos dá o critério para

discernir entre o que é verdadeiro e o que é falso, entre engano e verdade”

3 - Creio em Deus

Trecho do livro ‘O Credo’ de Ronald Knox, Editora Quadrante.

Quando Adão e Eva pecaram pela primeira vez, no Paraíso, fugiram instintivamente da presença do Criador. Não é fácil, e aliás não julgo que tenha demasiada importância, determinar até que ponto devemos tomar totalmente à letra os pormenores desse episódio ou até que ponto podemos entendê-los como uma mera descrição poética do que aconteceu.

Mas o que sabemos é que Adão e Eva ouviram a voz de Deus que passeava pelo jardim do Éden na brisa da tarde, e tiveram medo. Por isso, esconderam-se entre as árvores. Se, por um lado, nos parece difícil saber até que ponto devemos tomar à letra os pormenores desse relato, nem por hipótese podemos duvidar de que o episódio em si tenha sido verídico. Porque a história da queda dos nossos primeiros pais é uma história que nós próprios vivemos, não uma vez, mas muitas ao longo das nossas vidas. É um drama no qual nós próprios somos os atores, e a história repete-se.

Quando pecamos, o pensamento de Deus incomodou-nos e tentamos esquecê-lo. E a raça humana, que continua sempre a pecar, continua também a tentar esquecer Deus. O homem tenta fechar-se em si mesmo, esconder-se no bosque das coisas criadas, que lhe foram dadas por Deus para seu deleite; tenta convencer-se a si próprio de que Deus não existe. Mas, à medida que vai olhando através das longas alamedas arborizadas, vislumbra, no fim de cada alameda, sempre a mesma visão: a face de Deus. Não pode fugir de Deus, mesmo que o queira.

Aonde quero chegar? Ao seguinte: ainda que nenhuma revelação nos tivesse chegado através de Jesus Cristo, se quiséssemos ser sinceros conosco próprios, teríamos que admitir a existência de Deus,

por mais indesejável que esse pensamento pudesse ser para nós. As criaturas que nos rodeiam, bem como a nossa própria vida neste mundo de criaturas, levam-nos ao conhecimento de que Deus existe. Basta tomarmos qualquer das nossas linhas habituais de pensamento, segui-la o mais longe possível, como num passeio pelos caminhos que cortam um bosque, para avistarmos no termo dela, ainda à distância.

É um hábito inveterado do homem perguntar: por quê? Muitos de nós fomos repreendidos na infância por repetirmos demasiadamente essa pergunta, e talvez tenhamos desistido de o fazer. Lembro-me de que, certa vez em que viajava de trem, ia também um moleque, que apontou para o relógio da estação de Banbury e perguntou: “Que horas são naquele relógio?” A mãe respondeu-lhe: “Faltam quinze para as duas”. Disse o rapazinho: “Por que é que faltam quinze para as duas?” Uma criança como essa virá a ser cientista e passará a vida inteira a perguntar: por quê?

Toda a nossa ciência provém do hábito humano de pesquisar a razão de tudo, da nossa crença enraizada de que todo e qualquer acontecimento tem que ter uma causa. E quando tivermos levado esse hábito às suas últimas conseqüências, tudo o que teremos conseguido será um encadeamento de causas, em que cada uma dependerá da seguinte. Por que é que você torceu o calcanhar? Porque fecharam o portão que dá para o jardim. E por que o fecharam? Para evitar que os porquinhos entrassem. E por que os porquinhos andavam à solta? Porque não havia alimento suficiente para eles no chiqueiro. E por que não havia alimento suficiente para eles? Porque alguns navios foram torpedeados no Atlântico. E por que os navios foram torpedeados no Atlântico? Porque estamos em guerra com a Alemanha. E por que estamos em guerra com a Alemanha (essa aula foi dada durante a Segunda Guerra Mundial)? E assim por diante.

A série de causas prolonga-se cada vez mais e nunca alcançamos o seu termo. Mas bem vemos que não pode ser de modo algum infinita. Porque uma série

infinita de causas, as quais dependessem sempre de outras, não daria uma explicação cabal de nada. Em qualquer lado, no fim dessa cadeia, tem que existir uma primeira causa, que não seja causada por nada que tenha existido antes dela. E essa primeira causa é Deus. A sua face olha-nos, mesmo enquanto tentamos fugir dEle; e o seu olhar desce através dessa longa avenida de causalidades e recorda-nos que foi Ele quem nos fez, que nós não nos fizemos a nós próprios.

“Muito bem – afirmam os cientistas –, não falaremos de causas e efeitos, já que só nos levam a conclusões que causam aborrecimentos. Contentar-nos-emos com a observação da forma exterior das coisas, tal como se apresentam à nossa experiência: a maravilhosa ordem que existe na natureza e outras coisas mais”. Mas isso também não os deixará mais satisfeitos. A ordem só pode ser a expressão de um espírito. Quem mais poderia ter dado à natureza essa ordem que descobrimos com os nossos instrumentos científicos? Se pegarmos uma lâmina de barbear e uma folha de relva, e as observarmos sob o foco de um potente microscópio, verificaremos que o gume da lâmina é tudo menos liso; é profundamente denteado e irregular, de tal modo que vocês nem podem compreender como é que os seus pais não se ferem todos os dias ao barbear-se, em vez de lhes acontecer isso só em algumas manhãs. Mas verificaremos também que a folha de relva é toda absolutamente lisa, sem um único recorte. Então quem fez isso? Nem vocês nem eu. Quanto mais tentarmos captar o modelo da natureza, mais seremos levados a concluir que ela é a expressão do trabalho de um espírito superior a qualquer espírito humano. E a esse espírito criador temos que chamar Deus.

Olhamos através de uma nova alameda da experiência, e continuamos ainda a ver a face divina, debruçando-se sobre nós por entre as árvores.

Esta é a história que lemos no mundo que nos rodeia. Se, em vez disso, nos virarmos agora para nós, seres humanos, e para o lugar que ocupamos no universo, acontecerá o mesmo. O homem interroga-se a si

próprio: “Por que estou aqui? A vaca existe para me dar leite, o carneiro para me dar lã, as abelhas para me darem mel – e eu estou aqui para dar o quê e a quem?” Cada uma de vocês já se perguntou a si própria: “Qual é a minha razão de ser? Qual é o sentido da minha existência?” Talvez julguem que a resposta é fácil: “Ora, eu existo para fazer a minha mãe feliz. Ela sentir-se-ia totalmente desorientada se me acontecesse algo de ruim”. De acordo, mas então por que é que ela existe? Não me respondam: “Existe para me fazer feliz”. Isso nos levaria a um círculo vicioso, como aquele jogo tolo, em que umas doze pessoas se sentam umas nos joelhos das outras, a número 2 no joelho da número 1 e assim sucessivamente. Então uma joga-se ao chão e caem todas. Creio que vocês conhecem o jogo, um jogo muito engraçado e sossegado para o dormitório... Ora, se alguma de vocês disser que a sua mãe existe para fazer o seu pai feliz, teremos então que perguntar para que é que o pai existe, e assim até o infinito. Ao fim e ao cabo, tem que existir Alguém para quem tudo existe, que é o fim de tudo, e esse Alguém tem que ser Deus. Mais uma vez a sua face nos olha através desta nova alameda.

Ou talvez o homem se pergunte a si mesmo qual é o verdadeiro sentido do bem e do mal. Que quero dizer quando afirmo: é meu dever fazer isto ou aquilo? Coisa que, muitas vezes, não coincide com o que queremos fazer; geralmente, falamos de dever precisamente quando nos referimos a alguma coisa que não queremos fazer. O dever é uma palavra abstrata. E nós, que somos seres humanos, teremos a nossa conduta determinada por uma simples abstração? Ora, aquilo que não gostamos de fazer e que não coincide com a nossa vontade tem que ser a vontade de alguém acerca de nós; quem será então esse alguém? Numa longa sucessão, tem que existir Alguém cuja vontade seja a única coisa que importa a qualquer ser humano no mundo. E esse Alguém tem que ser Deus. Mais uma alameda, e a mesma face que continua a descer o seu olhar sobre nós. Não há possibilidade alguma de lhe fugirmos, seja para onde for que nos viremos.

Deus, como a primeira causa que está por detrás de todas as outras causas; Deus, como o Espírito que se exprime na perfeição da criação; Deus, como causa final ou último fim para o qual existe tudo quanto vive; Deus, como a vontade suprema que impõe deveres morais à humanidade: na verdade, sempre que tentarmos afastar-nos de Deus, vê-lo-emos assim, à distância, como um ser desagradável que está na base de tudo. Mas isso só acontecerá se tentarmos fugir dEle... Se, pelo contrário, procurarmos a Deus, se tentarmos encontrá-lo, então o processo será simplicíssimo e o encontraremos, não à distância, mas bem junto de nós. Será, não uma realidade desagradável, mas um Amigo agradável.

Somos feitos de matéria e espírito. O nosso corpo, aquilo que se move quando alguém esbarra conosco nas escadas, é matéria. A nossa alma, aquilo que em nós pensa, que em nós ama, é espírito. O que é que pertence a uma ordem superior – o nosso corpo ou a nossa alma? É evidente que é a nossa alma. Dá-nos uma vida mais rica do que a dos animais. Os nossos coelhos, por exemplo, não sabem multiplicar ou escrever como nós. O espírito é, pois, de uma ordem superior à da matéria; ordena-a, é a sua explicação. Mas o nosso espírito – mesmo o de um sábio – não ordena o universo, não é a explicação do universo. Tem que existir, portanto, um Espírito que regule o universo da matéria, e um Espírito não reduzido e limitado como o de vocês e o meu, e esse Espírito é Deus

Ainda que a nossa atenção esteja dirigida habitualmente para o exterior, para o mundo da matéria, para o alimento, para a luz do sol e para os aviões que voam lá por cima, voltemo-nos agora para o nosso interior, para a nossa própria alma. Aí está Deus. Está presente na nossa alma tal como a luz do sol está presente no nosso corpo, só que muito mais intimamente. Como poderia ser de outro modo? O espírito não está limitado pelo espaço, e por isso não nos pode separar de Deus. Deus é ilimitado, e por isso está em toda a parte. Não podemos viver separados de

Deus. A única coisa que nos separa dEle é o fato de não pensarmos suficientemente nEle, de não o amarmos como devíamos. Não devemos pensar nEle como um ser distante que está no fim de uma longa alameda. Ele está aqui

Não crer em Deus? Não há dúvida de que cremos. Senão, também não poderíamos crer em nós mesmos, não poderíamos chamar à nossa alma nossa. E, como regra, as pessoas que não crêem em Deus não crêem também em si próprias, não podem chamar à sua alma sua. E é assim que acabam acreditando num homem totalmente perecível ou em qualquer contra-senso desse gênero.

“Mas – poderíamos pôr agora o problema – se o fato da existência de Deus é tão evidente, por que há necessidade de crer nEle? A fé só é necessária quando temos que acreditar em alguma coisa que não podemos provar, e que aceitamos por confiarmos na pessoa que o diz”. Ora, é absolutamente verdade que a Igreja não quer que acreditemos em Deus unicamente porque Jesus Cristo no-lo revelou. E afirma-nos que temos de ser capazes de chegar por nós próprios a acreditar na existência de Deus. O que Jesus Cristo fez foi revelar-nos mais claramente o que é Deus: que é nosso Pai, por exemplo.

Entretanto, é importante termos sempre presente que cremos em Deus; não tanto por ser difícil crer que Ele existe, mas por ser difícil compreender que Ele existe. Sem dúvida alguma, os nossos espíritos tendem naturalmente a aproximar-se das criaturas e a afastar-se de Deus. Desde a primeira queda, o espírito humano é parecido com essas dobras dos cantos dos livros que, por mais que estejamos constantemente a alisá-las, quando de novo abrimos o livro já estão outra vez enroladas. Desde a primeira queda, fomos desviados para sempre do caminho certo, estamos constantemente a pensar nas criaturas, no nosso bem-estar, nos nossos projetos, nos nossos amigos, e os nossos espíritos só se voltam para Deus se por um ato deliberado lhes imprimirmos essa direção. E por isso vamos continuar a ter presente esse “Creio em Deus”,

pois do contrário ser-nos-á totalmente impossível lembrar-nos de que Deus está conosco. Já passou tanto tempo desde a última vez em que pensamos nEle, e no entanto Ele continua aí, serenamente, apesar de saber que o esquecemos.

Não pode existir nada de mais animador do que a notícia de que Deus existe. Ele é quem endireita tudo, quem coloca tudo no seu lugar, quem equilibra a balança. O que importa já não sou eu, mas Deus. Ele, e não eu, é o centro do universo; importa a sua vontade, não a minha; a única coisa que importa é o que Ele pensa sobre as coisas, o que Ele pensa sobre as pessoas, não o que eu penso sobre elas; a sua glória, e não a minha, deve ser aquilo para que eu vivo. Daqui a cem anos, quando vocês e eu tivermos deixado de existir, continuará ainda a interessar se a raça humana é livre ou escrava, feliz ou miserável, unicamente porque nessa altura continuará a reinar um Deus no céu – então como agora.

Perdoem-me, pois não podem compreender tudo isto. Não por serem estúpidos, mas por serem jovens. Enquanto vocês são jovens, podem sempre encontrar companhia em si próprios, a não ser que sejam melancólicos. Quando à noite vocês vão-se deitar, e enquanto não conseguem adormecer, sentem-se completamente felizes pensando nos seus projetos, nas suas amizades e nas suas ambições; podem continuar deitados e divagar, contando a si próprios histórias sobre o que farão quando forem adultos, e com que tipo de pessoa casarão. Mas, quando tiverem cinquenta anos e portanto tiverem já convivido mais tempo consigo próprios, essa companhia deixará de lhes ser tão agradável e acabará mesmo por aborrecê-los. E isso origina uma terrível solidão na alma humana – a não ser que esta tenha aprendido, tenha procurado não esquecer e continue sempre acreditando que Deus existe.

Quando vocês tiverem cinquenta anos, terão começado a considerar-se como uma espécie de artigo de segunda categoria: os planos que traçaram para seguir este ou aquele caminho já não lhes hão de

parecer tão relevantes; o juízo que fizeram acerca das pessoas e das coisas já não lhes há de importar tanto; e a configuração que a Europa terá dentro de cem anos é um problema que não lhes há de interessar muito. Nessa altura, crer que Deus existe significará que vocês têm alguma coisa, melhor, que têm Alguém a quem recorrer. “Creio em Deus”: se daqui a quarenta anos vocês mantiverem a fé que têm agora, darão graças a Deus – por Deus existir.

4 - A Transmissão da Revelação divina

Trecho da Constituição Dogmática Dei Verbum, sobre a Revelação Divina

Os apóstolos e seus sucessores, transmissores do Evangelho

7. Deus dispôs amorosamente que permanecesse íntegro e fosse transmitido a todas as gerações tudo quanto tinha revelado para salvação de todos os povos. Por isso, Cristo Senhor, em quem toda a revelação do Deus altíssimo se consuma (cfr. 2 Cor. 1,20; 3,16-4,6), mandou aos Apóstolos que pregassem a todos, como fonte de toda a verdade salutar e de toda a disciplina de costumes, o Evangelho prometido antes pelos profetas e por Ele cumprido e promulgado pessoalmente (1), comunicando-lhes assim os dons divinos. Isto foi realizado com fidelidade, tanto pelos Apóstolos que, na sua pregação oral, exemplos e instituições, transmitiram aquilo que tinham recebido dos lábios, trato e obras de Cristo, e o que tinham aprendido por inspiração do Espírito Santo, como por aqueles Apóstolos e varões apostólicos que, sob a inspiração do mesmo Espírito Santo, escreveram a mensagem da salvação.

Porém, para que o Evangelho fosse perenemente conservado íntegro e vivo na Igreja, os Apóstolos deixaram os Bispos como seus sucessores, «entregando lhes o seu próprio ofício de magistério». Portanto, esta sagrada Tradição e a Sagrada Escritura dos dois Testamentos são como um espelho no qual a Igreja peregrina na terra contempla a Deus, de quem tudo recebe, até ser conduzida a vê-lo face a face tal

qual Ele é (cfr. 1 Jo. 3,2).

A sagrada Tradição

8. E assim, a pregação apostólica, que se exprime de modo especial nos livros inspirados, devia conservar-se, por uma sucessão contínua, até à consumação dos tempos. Por isso, os Apóstolos, transmitindo o que eles mesmos receberam, advertem os fiéis a que observem as tradições que tinham aprendido quer por palavras quer por escrito (cfr. 2 Tess. 2,15), e a que lutem pela fé recebida uma vez para sempre (cfr. Jud. 3). Ora, o que foi transmitido pelos Apóstolos, abrange tudo quanto contribui para a vida santa do Povo de Deus e para o aumento da sua fé; e assim a Igreja, na sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo aquilo que ela é e tudo quanto acredita.

Esta tradição apostólica progride na Igreja sob a assistência do Espírito Santo. Com efeito, progride a percepção tanto das coisas como das palavras transmitidas, quer mercê da contemplação e estudo dos crentes, que as meditam no seu coração (cfr. Lc. 2, 19. 51), quer mercê da íntima inteligência que experimentam das coisas espirituais, quer mercê da pregação daqueles que, com a sucessão do episcopado, receberam o carisma da verdade. Isto é, a Igreja, no decurso dos séculos, tende continuamente para a plenitude da verdade divina, até que nela se realizem as palavras de Deus.

Afirmações dos santos Padres testemunham a presença vivificadora desta Tradição, cujas riquezas entram na prática e na vida da Igreja crente e orante. Mediante a mesma Tradição, conhece a Igreja o cânon inteiro dos livros sagrados, e a própria Sagrada Escritura entende-se nela mais profundamente e torna-se incessantemente operante; e assim, Deus, que outrora falou, dialoga sem interrupção com a esposa do seu amado Filho; e o Espírito Santo - por quem ressoa a voz do Evangelho na Igreja e, pela Igreja, no mundo - introduz os crentes na verdade plena e faz com que a palavra de Cristo neles habite em toda a

sua riqueza (cfr. Col. 3,16).

Relação entre a sagrada Tradição e a Sagrada Escritura

9. A sagrada Tradição, portanto, e a Sagrada Escritura estão intimamente unidas e compenetradas entre si. Com efeito, derivando ambas da mesma fonte divina, fazem como que uma coisa só e tendem ao mesmo fim. A Sagrada Escritura é a palavra de Deus enquanto foi escrita por inspiração do Espírito Santo; a sagrada Tradição, por sua vez, transmite integralmente aos sucessores dos Apóstolos a palavra de Deus confiada por Cristo Senhor e pelo Espírito Santo aos Apóstolos, para que eles, com a luz do Espírito de verdade, a conservem, a exponham e a difundam fielmente na sua pregação; donde resulta assim que a Igreja não tira só da Sagrada Escritura a sua certeza a respeito de todas as coisas reveladas. Por isso, ambas devem ser recebidas e veneradas com igual espírito de piedade e reverência.

Relação de uma e outra com a Igreja e com o Magistério eclesiástico

10. A sagrada Tradição e a Sagrada Escritura constituem um só depósito sagrado da palavra de Deus, confiado à Igreja; aderindo a este, todo o Povo santo persevera unido aos seus pastores na doutrina dos Apóstolos e na comunhão, na fração do pão e na oração (cfr. Act. 2,42 gr.), de tal modo que, na conservação, atuação e profissão da fé transmitida, haja uma especial concordância dos pastores e dos fiéis.

Porém, o encargo de interpretar autenticamente a palavra de Deus escrita ou contida na Tradição, foi confiado só ao magistério vivo da Igreja, cuja autoridade é exercida em nome de Jesus Cristo. Este magistério não está acima da palavra de Deus, mas sim ao seu serviço, ensinando apenas o que foi transmitido, enquanto, por mandato divino e com a assistência do Espírito Santo, a ouve piamente, a guarda religiosamente e a expõe fielmente, haurindo

deste depósito único da fé tudo quanto propõe à fé como divinamente revelado.

É claro, portanto, que a sagrada Tradição, a sagrada Escritura e o magistério da Igreja, segundo o sapientíssimo desígnio de Deus, de tal maneira se unem e se associam que um sem os outros não se mantêm, e todos juntos, cada um a seu modo, sob a ação do mesmo Espírito Santo, contribuem eficazmente para a salvação das almas.